

## **O empoderamento na *cibercultur@*: o caso da Escola Livre de Teatro de Santo André<sup>1</sup>**

Rita Donato<sup>2</sup>

Giovanni Ferreira de Lima<sup>3</sup>

Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), São Paulo, SP

### **Resumo**

O artigo discute como as mídias sociais podem colaborar com o processo de empoderamento de um cidadão e serem ferramentas para transformá-lo em um agente participativo na política. É apresentado o caso de um grupo de atores que se articulou usando a Internet, mobilizou a própria classe e a mídia tradicional e pressionou o poder público a manter aberta uma escola de teatro com 25 anos de história que estava prestes a ser fechada. O caso é analisado por meio de entrevistas, dados das mídias sociais e com base nas reflexões de González (2011) sobre *cibercultur@* e Couldry (2008) sobre narrativas digitais, mediação e midiatização.

**Palavras-chave:** mídias sociais; empoderamento; *cibercultur@*; narrativas digitais; Escola Livre de Teatro.

### **1 Introdução**

As transformações sociais às quais o Brasil enfrenta desde 1985, quando migrou para o regime democrático, tiveram curva ascendente com o surgimento da Internet a partir de 1990. A popularização dos primeiros sites de redes sociais, em meados dos anos 2000, e as políticas de inclusão digital e acesso à rede mundial de computadores alteraram ainda mais este cenário ao permitirem que um maior número pessoas de quaisquer classes sociais tivessem acesso ao ambiente virtual. Trata-se de um modelo de comunicação que ganha novos adeptos a cada dia, sobretudo considerando o uso massivo dos dispositivos móveis e a possibilidade de se conectar à Internet sem a necessidade da utilização de fios. Na era digital, as relações interpessoais e de consumo se modificaram e o cidadão tem aprendido a se reorganizar e a compartilhar ideias no ciberespaço.

Pensando neste ambiente, este artigo discute como a sociedade pode ser movida a participar de processos políticos e na busca de seus direitos na contemporaneidade. Para se discutir a questão do empoderamento a partir das mídias sociais, o texto analisa o caso da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Pesquisa (GP) Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas (DT 5), durante o XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do curso de Comunicação e Inovação da USCS, e-mail: [ritadonato@uscs.edu.br](mailto:ritadonato@uscs.edu.br)

<sup>3</sup> Mestrando do curso de Comunicação e Inovação da USCS, e-mail: [giovanniferreira@uscs.edu.br](mailto:giovanniferreira@uscs.edu.br)

Escola Livre de Teatro de Santo André, na Região Metropolitana de São Paulo, onde atores usaram as possibilidades interativas disponíveis na Internet para demonstrar a insatisfação diante do anúncio de fechamento da escola de formação de artistas, mantida pelo poder público local.

Após breve contextualização sobre democracia e a participação popular por meio das mídias sociais, o estudo utiliza os conceitos de empoderamento e de cibercultur@ (GONZÁLEZ, 2011) para discutir os processos de articulação no ambiente virtual e seus desdobramentos no ambiente real. Discute ainda as narrativas digitais dentro da ideia de mediação e da midiatização (COULDRY, 2008) neste processo, e em que medida elas engendram as ações desencadeadas pelas mídias nos espaços sociais.

A metodologia baseia-se na análise documental de dois serviços de mídias sociais (*Facebook e Blogspot*), no período da ocorrência do fato durante o ano de 2013, além de entrevistas, realizadas em maio de 2015, com dois dos principais articulistas do grupo de atores, responsáveis pelas estratégias de comunicação. O texto analítico se estrutura em três principais seções, abordando a articulação desses artistas nas mídias sociais, como ocorreu o processo de empoderamento do grupo e o desfecho. Partindo de uma análise descritiva e interpretativa, discute-se como grupos com interesses comuns podem se apropriar da Internet para criar movimentos, atrair a atenção da mídia, pressionar o poder público e, enfim, reivindicar seus direitos.

## **2 Participação popular, mídias e empoderamento no contemporâneo**

Os trabalhos de Kleba (2009, p. 735) indicam que a ideia de empoderamento (do inglês *empowerment*) tem sido usada desde a década de 1970. Ao discutir questões ligadas ao movimento feminista, a autora ilustra como se dá a participação coletiva em decisões estratégicas que atingem diretamente a sociedade. Perkins e Zimmerman (1995, p. 1) explicam o empoderamento como “um construto que liga forças e competências individuais, sistemas naturais de ajuda e comportamentos proativos com políticas e mudanças sociais”. Significa, então, que o cidadão passa a ter voz no processo de construção, inclusive, de políticas públicas.

Numa perspectiva emancipatória, empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. [...] Trata-se, portanto, da promoção de direitos de cidadania [...] (HOROCHOVSKI & MEIRELLES, 2007, p. 486).

Peruzzo (2009) observa que o *status* de cidadania é constituído ao longo da história e passa por alterações positivas, conforme avançam as conquistas de novos direitos. Na análise da autora, “a força que arregimenta as mudanças na qualidade da cidadania vem da sociedade civil e tem relação direta com a consciência do ‘direito a ter direitos’” (2009, p. 34). Empoderar-se, portanto, coloca o indivíduo em situação de igualdade diante de qualquer esfera de poder, conforme sinaliza Kleba:

A prática do empoderamento político prevê a saída das pessoas de uma situação de resignação e impotência e sua reapropriação de poder; o ganho de força em prol de projetos coletivos de auto-organização; o desenvolvimento de instrumentos eficazes para o engajamento de cidadãos [...] (KLEBA, 2009, p. 740).

Vale lembrar que participações populares estão presentes na história recente do Brasil, como na década de 70 com os movimentos sindicais e as greves dos metalúrgicos que paralisaram a indústria automobilística, sobretudo no Grande ABC Paulista, as manifestações por eleições diretas no fim da década de 80 e o movimento dos “caras pintadas” nos anos 90. No Brasil, as mobilizações em massa organizadas pelas mídias sociais em 2013, conhecidas como Jornadas de Junho<sup>4</sup>, consolidou a ideia de empoderamento e destacou o importante papel da Internet como mediadora das massas e da mobilização popular.

Presente em 48% dos lares brasileiros (BRASIL, 2015), a Internet trouxe novas formas de participação e engajamento social, mesmo que ainda fortemente concentrada em grandes centros urbanos do Sudeste e Sul. Em um ano, o número de pessoas que utiliza a Internet todos os dias saltou de 26% para 37%. Os sites de redes sociais e trocas de mensagens instantâneas influenciaram neste resultado: 92% dos internautas se relacionam por meio de alguma mídia social: o *Facebook* é o preferido (usada por 83%), seguido pelo *WhatsApp* (58%), *YouTube* (17%), *Instagram* (12%) e o *Google+* (8%).

A aproximação de governo e sociedade via Internet é tendência mundial e se evidencia, por exemplo, com a criação de governos eletrônicos (JARDIM, 2004). Rabelo (2010), aponta que é possível entender a Internet como uma ferramenta de organização e divulgação de ideias, além de ambiente para estruturar redes colaborativas, “dando aos seus usuários um inaudito poder de barganha frente aos tradicionais detentores do poder nos campos sociais da comunicação e da política” (2010, p. 3).

---

<sup>4</sup> Manifestações populares que ocorreram em junho de 2013 nas principais capitais, inicialmente contra o aumento de tarifa de transporte público, mas que influenciou milhares de brasileiros a ir às ruas para protestar contras os governos municipal, estadual e federal. Foram os maiores protestos do país desde 1992, quando a população pediu o *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello.

No bojo do hibridismo contemporâneo, González (2011) observa que é preciso entender a cibercultura para além das meras manifestações no ciberespaço por meio das mídias digitais. Para ele, três elementos são importantes para se definir a cibercultur@: o prefixo ciber, que denota ter habilidades para nortear as relações sociais “em um exercício de autogestão coletiva, horizontal e participativa”; a palavra cultura, relacionada ao compartilhamento da aprendizagem; e o signo @, comum entre pessoas que se relacionam no universo virtual (GONZÁLEZ, 2011, p. 13).

O conceito de cibercultur@ refere-se a uma nova forma de relação entre sociedade e tecnologia, uma interação que permite uma troca de informações “significativa entre a comunidade”, definida por González como *Comunidades Emergentes de Conocimiento*, as CEC (2011, p. 29). É nesse ponto que autor destaca a função do empoderamento:

O processo de empoderamento de uma comunidade emergente de conhecimento começa quando se constroem as condições para se reelaborar o tempo social e os papéis que a comunidade enfrenta dentro deste tempo. (GONZÁLEZ, 2011, p. 29, tradução nossa).

Por fim, Couldry (2008) traz nesse ponto uma necessária reflexão sobre a influência das mídias digitais nesse processo a partir da teoria da mediatização e da ideia de mediação. As narrativas digitais se estruturam em ambientes de grande pressão, que forçam o narrador a misturar, em um único ambiente, texto, vídeo, fotos e sons, entre outros aspectos. Além disso, demandam dos indivíduos uma capacidade de síntese e de padronização dos conteúdos de forma que o mesmo possa ser compreendido.

Por um lado, a mediatização nos permite entender que a vida contemporânea contempla a noção de replicação, de disseminação de aspectos culturais e sociais dos indivíduos por meio de variadas formas de mídia. Por outro, essa lógica pode soar muito simplista e linear para representar a complexidade dos espaços sociais, alertando para a ideia de processo dialético da mediação: em outras palavras, a mediação envolve a apropriação de uma mídia e as consequências de suas ações dentro de uma escala e contextos específicos, em um “processo de transformação ambiental que, por sua vez, tranforma as condições em que qualquer mídia futura possa ser produzida ou compreendida” (COULDRY, 2008, p. 380).

### **3 Metodologia**

Para discutir esse ambiente em que o indivíduo utiliza-se das mídias sociais para se empoderar, realizou-se um estudo de caso da Escola Livre de Teatro (ELT) de Santo André,

uma das sete cidades localizadas no ABC Paulista, Região Metropolitana de São Paulo. A instituição foi criada em 1990, com a proposta, àquela época, de colocar em prática um método inovador na formação de artistas, com um projeto pedagógico autônomo, que permitisse uma gestão coletiva e um processo de criação colaborativa – entre os próprios artistas e a iniciativa pública. Com dificuldades para manter a autonomia financeira, a prefeitura optou por fechar a escola em 2013.

Com o intuito de avaliar como o grupo de atores se articulou dentro e fora do ambiente virtual para manter a unidade aberta, foi realizada uma análise documental baseada em informações publicadas entre os meses de setembro e novembro do ano de 2013, quando a escola corria o risco de ser fechada definitivamente. As mídias sociais analisadas foram a página oficial do *Facebook* da ELT e o *blog* da escola, no site *Blogspot* – de maneira secundária, o canal que o grupo de atores mantém no *YouTube*.

Para concluir a análise sobre como o grupo de atores utilizou as mídias sociais para criar um movimento capaz de empoderar os artistas, mobilizar a classe e a sociedade e pressionar o governo andreense a manter a escola aberta, foram realizadas entrevistas com dois aprendizes da ELT (Entrevistado 1 e Entrevistado 2) que participaram ativamente das manifestações que migraram do ambiente virtual para o real e, naquela ocasião, foram fundamentais para dar visibilidade ao caso.

#### **4 A articulação: as mídias sociais como ferramenta de mobilização do grupo**

Na intenção de criar uma oficina cultural na cidade, o projeto da ELT surgiu pautado na tradição andreense, que teve forte presença do teatro na década de 1970. A escola é pública e não segue o modelo clássico, com currículo exigido pelo Ministério da Educação e conteúdos programáticos de cursos, e ampara-se na liberdade para criar. O objetivo, desde sua criação, é a experimentação, uma proposta que perdura há 25 anos e ajudou a tornar a ELT uma referência nacional na formação artística.

Quatro anos após a sua fundação, em 1994, a unidade foi fechada pelo governo então eleito. As portas foram reabertas quatro anos mais tarde, quando uma gestão da prefeitura subsequente reformou um dos teatros municipais – Teatro Conchita de Moraes – para abrigar a escola. Em 2013, a prefeitura contingenciou o orçamento em 30% e os aprendizes e professores se assombraram com o possível fechamento da unidade.

Diferentemente do posicionamento passivo dos artistas de 20 anos atrás, que não se mobilizaram para manter a escola aberta, em 2013, novos atores optaram pela articulação

por meio da Internet para evitar o fechamento. Ainda sem compreender o conceito de empoderamento, e apesar de subestimar o poder das mídias sociais nas transformações da sociedade, o Entrevistado 1 revelou que o grupo investiu na ferramenta para “mostrar ao mundo” a situação de sucateamento a qual vivia o centro de formação em artes cênicas.

A dificuldade de diálogo com o novo governo gerou um movimento de insatisfação. Portas fechadas, *e-mails* não respondidos, telefonemas sem retorno e a indecisão sobre a manutenção do projeto pedagógico da escola motivou críticas dos aprendizes e a ideia de usar a Internet para se posicionar. Conforme o Entrevistado 1, responsável pelo movimento iniciado na Internet e que ganhou proporção capaz de reverter o fechamento da unidade, a proposta de usar as mídias sociais para se manifestar teve adesão em massa: “naquele momento, entendemos que era hora de propor nova articulação.”

Em setembro de 2013, a escola passou a enfrentar dificuldades administrativas, técnicas e comunicacionais. Em sua página oficial no *Facebook*, no dia 27 de setembro de 2013, foi divulgada uma nota em que se reivindicava a manutenção do projeto e se alertava quais ações o grupo tomaria para solucionar os problemas. Na versão dos Entrevistados 1 e 2, a unidade vivia momento de isolamento, devido à dificuldade de se articular com integrantes do governo municipal.

Sem alternativas, aprendizes e professores optaram por utilizar os canais disponíveis na *web* para divulgar a “realidade” deles, mencionam os Entrevistados 1 e 2. Organizado, o grupo se articulou e criou o movimento “ELT Livre”, que buscava abrir canal de comunicação com o poder público para que as reivindicações fossem atendidas. Na fala dos entrevistados, ressalta-se que, naquele momento, a única alternativa era a Internet, caracterizada por eles como “um espaço democrático que aceita quaisquer manifestações”.

O posicionamento do grupo alinha-se ao conceito de González (2011). O autor pondera que dentro da perspectiva de desenvolvimento da cibercultur@, o próprio processo de comunicação se dá pelo relacionamento social, visível por meio de ações (2011, p. 22). No caso específico da ELT, a presença no ciberespaço foi um divisor de águas para motivar outros integrantes da equipe, que passaram a comunicar “a mesma verdade”, conforme sinaliza o Entrevistado 1: “quando a ELT decidiu por este movimento, a gente pensou em gritar para o mundo o que estava acontecendo, seja para esta escola deixar (de existir) ou para resolver a questão.”

Naquele momento, a escola se valia de sites de mídias sociais para se fazer ouvir pelas autoridades, que até então pareciam ignorar suas tentativas de diálogo. A constante

abstenção do poder público fez os integrantes da ELT tomarem a decisão de “reorganizar” o lugar por conta própria, o que acabou resultando no fechamento da escola por ordem da Secretaria de Cultura, com o propósito de realizar uma vistoria técnica no local.

Em uma postagem no *blog* da instituição, no dia 28 de setembro de 2013, a escola expôs um texto mais detalhado, evidenciando questões como o sucateamento do espaço físico e o fechamento do prédio sem aviso prévio. Um dia antes, no *Facebook*, o grupo divulgou vídeo anunciando uma vistoria no prédio e o ato do fechamento da unidade, além de uma nota: “a ELT continua se articulando enquanto aguarda esclarecimentos sobre as últimas atitudes arbitrárias e resposta das constantes solicitações de diálogo”.

Nas mídias sociais, o grupo expôs as tentativas de diálogo com o governo e acusou o poder público de “minar” o projeto ELT “de forma sistemática”, além de tentar “retirar sua autonomia”, expressões adotadas nos textos divulgados na Internet e nas entrevistas. Nota-se a estratégia dos artistas em utilizar amplamente as mídias sociais para protestar, divulgando cartas abertas e fotos sinalizando o fechamento da escola (Figura 1), que foram veiculadas no *blog* e na página do *Facebook* com o objetivo de “explodir as paredes e mostrar ao mundo o que estava acontecendo”, justifica o Entrevistado 1.

**Figura 1 – Alunos anunciam fechamento da escola no *blog* e mostram unidade de portas fechadas**

Núcleo de História sem aula em espera das respostas!

Os aprendizes do Núcleo de História do Teatro da ELT não tiveram aula nesta segunda-feira (30/09). Aguardam posicionamento do prefeito sobre manutenção da autonomia da Escola e manutenção de seu projeto original. Uma reunião com coordenação da ELT foi prometida para esta quarta-feira 02/10. Estamos esperando!



**Fonte:** *Blog* da ELT. Disponível em: <http://escolalivredeteatro.blogspot.com.br/2013/10/os-aprendizes-do-nucleo-de-historia-do.html>).

Os canais virtuais, que antes eram usados para divulgar produções artísticas, passaram a ser ambientes para engajar a classe artística com o argumento de manutenção do projeto pedagógico da unidade: “a gente pensou numa série de estratégias de como divulgar todas as informações que chegavam até nós”, revela o Entrevistado 1, ao detalhar a estratégia do grupo para envolver a comunidade, notificar a imprensa e pressionar o governo.

A gente começou com as cartas abertas, com textos mais longos, onde tentávamos transcrever o que estava acontecendo. Só que a gente percebeu que era muito difícil para as pessoas, que não estavam próximas da escola, entender (o cenário). Então, essa relação com a Internet facilitou.

Com a possibilidade de integração de recursos das mídias sociais, os manifestantes utilizaram o site *YouTube* em conjunto com o *Facebook* e *blog* do grupo para que, em forma de vídeos (Figura 2), fossem divulgados atos de protestos e para que as pessoas manifestassem apoio à causa.

**Figura 2 – Alunos produzem vídeo convocando comunidade e artistas para a mobilização**



**Fonte:** *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IReirRdVwk>

É importante observar que, ao notarem o consumo imediato da informação, característica da Internet, o grupo de atores começou a reduzir as extensas cartas divulgadas no *blog* e dar espaço a vídeos autorais e tirinhas curtas com personagens criados exclusivamente para o movimento “ELT Livre”, como “A saga da coruja” (Figura 3), uma



espécie de novela em tiras para que as pessoas pudessem acompanhar os capítulos do conflito, e vídeos curtos esclarecendo o passo a passo das negociações com a administração municipal, uma estratégia assertiva, segundo os articuladores. Couldry (2008, p. 382) aponta que uma das características das narrativas digitais é a pressão que ela sofre para limitar seu tamanho, já que textos e/ou vídeos muito longos podem causar prejuízos na atenção das pessoas.

Figura 3 – “A saga da coruja”, tira criada para divulgar as negociações com a prefeitura



Fonte: Facebook da ELT. Disponível em:

<https://www.facebook.com/escola.livre.teatro.sa/photos/a.315055498593187.67586.315045345260869/477470559018346/?type=1&theater>

## 5 O empoderamento: como os artistas usaram as mídias sociais para “virar o jogo”

Os movimentos no ambiente virtual desencadearam eventos no ambiente real, como protestos marcados em locais públicos próximos à Secretaria de Cultura – inclusive com adesão de grupos de artistas de outras cidades –, visitas à Câmara, envios de fotos e vídeos de pessoas comuns não associadas ao movimento e de atores de TV conhecidos nacionalmente em apoio à instituição.

Com inserção limitada nos veículos de comunicação locais, até então a principal ferramenta para pressionar a prefeitura, contam –, o ambiente virtual tornou-se o melhor caminho para pressionar o governo e mostrar a força do grupo.

(Além dos vídeos), veiculamos fotos de pessoas ligadas ao teatro com a frase ELT continua. Eles faziam as fotos e publicávamos só na rede social. Tiramos foto na escola e pedimos ao pessoal que apoiava, para dar a dimensão de como a escola tem um significado (Entrevistado 2, 2015).

A ELT voltou às manchetes de jornais devido aos entraves políticos, não às produções artísticas, e a relação com o governo chegou ao limite quando os artistas ocuparam cada uma das salas da Secretaria de Cultura em busca de posicionamento formal sobre a continuidade ou fechamento do prédio. Segundo o Entrevistado 1, a verdadeira estratégia era criar um fato para atrair a imprensa, usando a imagem de artistas famosos que publicaram fotos com um cartaz de apoio (Figura 4) ao movimento.

**Figura 4 – ELT ganha espaço na mídia com a adesão de atores reconhecidos nacionalmente**

O intitulado Movimento ELT Livre divulgou **carta-resposta** ao prefeito Carlos Grana.



Repercutiu até no Projac: o ator Bruno Gagliasso fez cartaz para apoiar a ELT - Reprodução

Nela, afirma que “manter o projeto Escola Livre pressupõe não apenas a afirmação de um acordo, mais do que isso, pressupõe a autonomia de práticas e decisões pedagógicas sistemáticas e diárias, tais como o uso e a intervenção no espaço físico, incapaz de ser realizada sem um diálogo profícuo com a Secretaria de Cultura e com os funcionários da Escola, o oposto do que vem acontecendo com os nossos interlocutores atuais”.

A carta-resposta ainda pede licitação para 2014, que possibilite a permanência dos atuais mestres por meio da Cooperativa Paulista de Teatro, e também “a manutenção de um corpo de funcionários engajado e colaborativo”.

O documento ainda acusa a atual administração da ELT nomeada pela Prefeitura de Santo André de fazer “ações de sabotagem e sucateamento”. E diz que a nota da Prefeitura entra em contradição, já que diz o governo

afirmou que a ELT funciona normalmente ao mesmo tempo em que divulgou que o Teatro Conchita de Moraes, sede da escola, está interditado, “contradizendo sua fala anterior de que a escola ainda estava aberta”.

**Fonte:** Portal R7. Disponível em: <http://entretenimento.r7.com/blogs/teatro/2013/10/02/destino-da-escola-livre-de-teatro-sera-definido-em-reuniao-entre-prefeitura-de-santo-andre-e-artistas>

Com a exposição de artistas populares, grupos de atores de outras cidades, em especial Santos (litoral paulista) e São Paulo, começaram a participar das manifestações. Um programa de TV (Figura 5) acompanhou o caso, jornais de repercussão nacional cobriram o desfecho e o movimento de pressão foi concluído, relataram os entrevistados.

**Figura 5: Programa CQC, da Band, acompanha a repercussão do caso**



**Fonte:** Uol. Disponíveis em <http://cqc.band.uol.com.br/videos/14768718/oscar-protesta-em-defesa-da-cultura-brasileira.html>

Nesse contexto, vale ressaltar o potencial das narrativas digitais da mídia na transformação da sociedade (COULDRY, 2008). O uso das narrativas digitais pelo grupo de manifestantes da ELT nas mídias sociais motivou os agentes – artistas e sociedade – a atuarem em um campo particular com autoridade.

A conclusão do Entrevistado 1 sobre a presença da ELT na mídia está amparada na ideia de Couldry (2008) sobre a narrativa digital como mediação, sobretudo quando o entrevistado revela que a imprensa fez o grupo se sentir empoderado. Analisando a entrevista e as mensagens postadas nas mídias sociais, é possível notar que os atores se engajaram com o objetivo de chamar a atenção para o momento vivido pela escola, porém, não imaginaram a proporção que a mobilização tomaria, conforme relata um dos entrevistados ao analisar aquele momento.

O jogo ficou tão revelado [...] Houve um movimento de empoderamento. Os aprendizes se apropriaram daquele discurso e não ficaram esperando. Temos dificuldade em olhar para trás e perceber o tamanho de tudo. Essa escola é uma grande oficina do aprender a fazer, estar em ação, não só em cena, mas aprender a fazer política, enquanto cidadão. Temos uma dimensão da estrutura, de como é estar tão próximo do poder público e saber como são as camadas de informação.

A adesão popular à causa, comentam os entrevistados, se deve em parte pelo sentimento de verdade que deram ao movimento. Nota-se que os vídeos postados pelo grupo não são superproduções, mas espontâneos e, em muitos casos, gravados com câmeras

de celulares e postados como forma de registrar momentos específicos que julgavam irregulares por parte do poder público. As postagens têm, portanto, um caráter de denúncia.

Couldry (2008, p. 383) alerta que as narrativas digitais circulam e recirculam em várias instâncias para além daquelas criadas, como nos compartilhamentos por mídias móveis. Neste sentido, o grupo corrobora com a ideia de que o imediatismo da Internet é um importante catalizador comunicativo, sobretudo a partir do uso de celulares, “fazendo com que não seja mais o usuário que se desloque até a rede, mas a rede que passa a envolver os usuários e os objetos numa conexão generalizada” (LEMOS, 2005, p. 2).

## **6 O desfecho: como os atores avaliam o impacto pós-manifestações virtuais**

O movimento da ELT ocorreu justamente no período em que o Brasil vivenciava as primeiras mobilizações populares articuladas pela Internet, como apontado no início deste artigo. Conforme revela o Entrevistado 1.

A gente percebeu que isso tudo gerou um grande alcance. Depois das Manifestações de Junho, teve até um movimento de ‘a coisa sair do virtual e ir para o concreto’. No meu entendimento, é assim que a política está começando a se formar. [...] Há um exercício de autonomia e reflexão muito poderoso.

A partir do dia 2 de outubro daquele ano, a ELT e a prefeitura recomeçaram os diálogos, estabelecendo reuniões e prazos para que as reivindicações da escola fossem atendidas. O poder público se comprometeu em manter o projeto pedagógico. No dia 17 de outubro, a escola se valeu de ilustrações como novo recurso para comunicar suas mensagens por meio do *Facebook*; também utilizou vídeos e falas contraditórias do Secretário de Cultura para deslegitimar suas ações e mostrar que o movimento começou dar os primeiros resultados positivos.

Em 27 de novembro, o grupo recorreu às mídias sociais novamente para anunciar o fim das negociações a favor do projeto ELT, sendo estabelecidos compromissos, como a regulamentação do edital de licitação, a realização de reparos emergenciais no prédio onde funciona a escola e o teatro, além de materiais de divulgação das peças teatrais.

Cerca de dois anos após os fatos, o resgate da memória dos entrevistados revelou algumas reflexões e posturas críticas em relação ao episódio. Segundo o Entrevistado 1, que ocupou o papel de articulador político daquela escola de teatro, o grupo passou a demonstrar o sentimento de conquista: “tenho claramente que a escola não fechou devido à nossa iniciativa”. Para ele, a Internet não foi protagonista do processo, pois apesar de ser “um

fórum aberto e democrático, a ‘coisa’ não deve se circunscrever ali mesmo. É preciso sair para o ambiente físico. O *Facebook* ajuda, empodera, é incrível, mas não é tudo”.

Uma das funções de mediação das narrativas digitais é seu impacto de longo prazo. Para Couldry (2008, p. 383), ela altera “as práticas para tipos específicos de pessoas em determinados locais, com consequências na ampla formação social e cultural, até mesmo para a própria democracia”. Em certos momentos, ao lado de colegas, os aprendizes que colaboraram com esta análise demonstram que, após a mobilização que partiu da Internet, o grupo ratificou o poder de articular uma classe, a sociedade e o próprio poder público. Conforme expõe o Entrevistado 2: “sinto que existe receio da parte deles (do governo) sobre o que a gente pode fazer. Não dá pra correr o risco de novas manifestações no ano eleitoral.”

## 7 Considerações finais

O caso da ELT revelou características que cabem ser ressaltadas neste fechamento, como o caráter questionador e politizado dos artistas daquela escola. É relevante destacar que, neste episódio, os manifestantes aproveitaram o clima de abertura dado pela até então recente “Jornadas de Junho” para se tornarem empoderados.

Esta análise demonstra como um grupo com um objetivo comum encontrou nas narrativas digitais um meio para ganhar espaço na mídia – tanto a digital quanto a tradicional –, mobilizar a classe artística em prol da própria causa e pressionar o poder público para manter um projeto de duas décadas que corria o risco de ser encerrado.

O caso da ELT demonstra que as narrativas digitais nas mídias sociais foram importantes para que a escola, sociedade, mídia e poder público fossem envolvidos no processo de construção – ou manutenção – de uma política pública, num amplo processo de mediação e midiaticização.

Cabe apontar como essas ferramentas colaboram na midiaticização dos fatos, ajuda a empoderar um grupo e é capaz de mobilizar uma classe a participar dos processos e das tomadas de decisões políticas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** – Brasília: Secom, 2014.

BLOGSPOT. 2013. Disponível em: <http://escolalivredeteatro.blogspot.com.br>. Acesso em: 08 de maio de 2015 e 27 de maio de 2015.

COULDRY, Nick. **Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling**. *New Media & Society*, v. 10, n. 3, p. 373-391, 2008.

FACEBOOK. 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/escola.livre.teatro.sa>. Acesso em: 27 de maio de 2015.

GONZÁLEZ, Jorge Alejandro. **Cibercultur@ y sociocibernética: ideas para una reflexión conjunta en paralelo**. *Líbero – São Paulo* – v. 14, n. 28, p. 9-32, dez. de 2011.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi; MEIRELLES, Giselle. **Problematizando o conceito de empoderamento**. *Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia*, v. 2, p. 2007, 2007. Disponível em: [http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo\\_horochovski\\_meirelles.pdf](http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf). Acesso em: 25 de março de 2015.

JARDIM, José Maria. **A construção do e-gov no Brasil: configurações político-informacionais**. Disponível em <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/30772-32926-1-PB.pdf>. Acesso em 23 de março de 2015.

KLEBA, Maria Elisabeth. **Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política**. *Saúde Soc. São Paulo*, v.18, n.4, p.733-743, 2009. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/viewFile/29498/31358>. Acesso em: 17 de março de 2015.

LEMONS, A. **Cibercultura e Mobilidade. A Era da Conexão**. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, p. 1-2. set. 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf>. Acesso em: 27 de maio de 2015

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas**. *Fronteiras-estudos midiáticos*, v. 11, n. 1, p. 33-43, 2009. Disponível em <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5039>. acesso em 17 de junho de 2015.

RABELO, Leon. **As mídias sociais e a esfera pública: mudanças de paradigma na comunicação contemporânea**. In: *Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste*. 2010. p. 27-29.